

Cooperativismo e agricultura familiar na formação do espaço agrícola do Oeste do Paraná

Camila Cremonese
(UNIOESTE)

Ernelo Schallenberger
(UNIOESTE)

RESUMO: O artigo discute, em linhas gerais, o significado e a importância da agricultura familiar, enquanto prática cultural trazida pelos colonos descendentes de europeus, preponderantemente gaúchos e catarinenses, para a configuração socioeconômica da região oeste do Paraná. Centra seu foco analítico na relação entre os fatores externos e a articulação interna dos produtores agrícolas frente ao processo da inserção da economia agrícola no mercado mundial. Destaca o cooperativismo como instrumento da modernização agrícola e da dinamização da economia regional e aponta a agricultura familiar como campo de resistência à exclusão social.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento regional, cooperativismo, agricultura familiar.

ABSTRACT: The article discusses, in general lines, the meaning and the importance of the family agriculture, while cultural practice brought by the descending settlers of Europeans, with more preponderance of *gauchos* and *catarinenses*, for the socioeconomic configuration of the *Paraná* west area. It centers its analyses focus in the relationship between the external factors and the articulation interns from the agricultural producers front to the process of the insert of the agricultural economy in the market. It detaches the cooperative system, as instrument of the agricultural modernization and of the dinamization of the regional economy and it points the family agriculture as resistance field to the social exclusion.

KEYWORDS: regional development, cooperative system, family agriculture.

que se tornou a base material e o foco para o desenvolvimento do estudo, tendo em vista a constru o de um referencial que pudesse conduzir ao entendimento do processo de mudança e de recria o da identidade do agricultor familiar no oeste do Paraná.

2. A AGRICULTURA FAMILIAR E A MODERNIZA O AGRÍCOLA

O modelo familiar de produ o pode ser caracterizado como aquele em que a dire o do processo produtivo está assegurada diretamente ao proprietário da terra, onde a própria força de trabalho e a gestão da propriedade estão a cargo da mesma pessoa ou do mesmo núcleo familiar. As unidades agrícolas familiares costumam ter alto grau de diversifica o de seus produtos, muito embora haja quase sempre a necessidade de se estabelecer uma cultura dominante para gerar excedente, ou seja, capital para a realimenta o do processo produtivo, através da venda do produto resultante para o mercado. Além destas características centrais, outras podem ser relacionadas   agricultura familiar, dentre as quais destacam-se as questões relativas   inser o mais efetiva do agricultor familiar com seu meio, o que se reflete na importância que ele dá   qualidade de vida e ao meio ambiente, o que não parece ser uma preocupa o central nas unidades de explora o agrícola comercial. (ABRAMOVAY, 1997). A partir dessa defini o do conceito de agricultor familiar, pode-se dizer que a agricultura familiar representa uma fatia considerável no universo da agricultura brasileira, concentrando mais de 84% das propriedades agr c veis do Brasil (Gazeta do Povo, 25 de junho de 2003). No Paraná, os números não diferem muito; a agricultura familiar representa algo em torno de 86% das propriedades agr c veis do estado (IBGE, Censo 2002).

A recente história de coloniza o da região oeste do Paraná registra algumas peculiaridades que podem ser evidenciadas a partir dos movimentos de ocupa o e coloniza o. Na década de 1920, a Coluna de Luis Carlos Prestes e Miguel Costa desvelou uma região de fronteiras vulneráveis e não plenamente integrada no território nacional. A apropria o do espaço e a organiza o do território tornaram-se fundamentais para a consolida o das fronteiras nacionais. A necessidade da inser o da economia brasileira no mercado mundial, no pós-guerra, só se faria possível mediante o ajuste da produ o agrícola, principal fonte geradora de riqueza do Brasil, às demandas desse mercado. A integra o de novas fronteiras agrícolas para aumentar a fatia de participa o no mercado mundial produziu políticas públicas e mobilizou capital humano que desencadeou um significativo processo migratório.

A intensifica o desse processo para o oeste do Paraná deu-se com a vinda de empresas colonizadoras que passaram a atuar com força na região a partir das décadas de 1940 e 1950, dentro do contexto nacional de expansão das

nas práticas agrícolas, do que resultou uma relativa homogeneiza o do processo produtivo, definindo, de certa forma, o perfil do desenvolvimento regional a partir dessa vertente sustentada na economia solidária.

A moderniza o do espaço agrícola teve na década de 1950 os seus primeiros sinais, em virtude das profundas mudanças que o país e o mundo atravessavam no período pós-guerra. Aliadas ao fen meno populista, a industrializa o e a moderniza o passaram a ser os carros-chefe das políticas oficiais nos mais diferentes setores da economia brasileira. Na década de 1970, o chamado "Milagre Econ mico" produziu avanços que alteraram profundamente o panorama da sociedade brasileira, mudando o perfil de diversos setores produtivos, através da inje o de capital financeiro e tecnológico, e influenciando substancialmente nos processos de desconstru o e reconstru o social e cultural. Em linhas gerais, tais mudanças na realidade brasileira, motivadas por essas políticas modernizantes, produziram, entre outros aspectos, uma altera o no perfil da sociedade brasileira, conferindo-lhe um caráter, cada vez mais, urbano e voltado para as demandas do setor industrial. Na agricultura, as políticas iniciadas pelos governos populistas e continuadas no Regime Militar, afetaram as pequenas e m dias propriedades rurais, uma vez que a agricultura comercial modernizada e dependente, concebida a partir de políticas que forjaram o modelo agro-exportador brasileiro, promoveu um processo de concentra o de capital e da propriedade no meio rural, provocando a descapitaliza o e a exclusão social do pequeno agricultor familiar. Na região oeste do Paraná, apesar da concentra o fundiária ser sentida, a onda da moderniza o forjou uma realidade diferenciada – a existência de uma agricultura predominantemente familiar, de pequenas e m dias unidades de produ o agrícola, que se adaptaram   dinâmica da moderniza o e absorveram as inova es tecnológicas derivadas do processo, sem que perdessem de todo o poder decisório do núcleo familiar. A agricultura familiar representou, nesse contexto, uma constru o reativa diante da imposi o de um modelo hegem nico, articulado pelos interesses do capital transnacional e ensaiado através do processo de moderniza o agrícola.

A moderniza o, de acordo com Schallenberger e outros (1999), desenvolveu-se em três etapas na região oeste, a saber: a) fase extrativa e de subsistência familiar, b) fase de consolida o da economia agrícola de exporta o e c) fase de diversidade da base agrícola e de agroindustrializa o. A observa o sucinta de cada uma dessas fases indica que a primeira, inscrita nas décadas de 1950 e 1960, caracterizava-se como extrativa da erva-mate e da madeira e de uma agricultura de subsistência, marcada pela policultura, responsável pela circula o de produtos que impulsionaram o comércio local, fomentaram o surgimento de vilas e a emergência de cidades na região. A comercializa o de produtos

3. COOPERATIVISMO E PEQUENAS ASSOCIA ES

A pequena propriedade familiar e a organiza o comunitária representaram os esteios da constru o social do oeste do Paraná e engendraram, ao longo da produ o social do espaço, a emergência do fen meno do associativismo. A solidariedade entre os colonos era uma prática do cotidiano, cultuada, sobretudo, para fazer frente aos obstáculos naturais e às deficitárias condi es de suprimento dos indivíduos e da coletividade. Ajudar o vizinho nas derrubadas, na colheita, nas edifica es da propriedade e, na soma, na constru o do espaço público eram institutos que caracterizam o perfil social dos sujeitos sociais oriundos das levas de migrantes dos dois estados sulinos, que definiram o modelo hegem nico de assentamento da região. A exemplo do seu local de origem, esses assentados constituíram as mais diferentes modalidades de associa es.

  certo que as associa es tiveram que acompanhar as mudanças históricas. Já na década de 1990, com as crises mundiais do sistema econ mico, as associa es buscaram se adaptar   realidade contemporânea. A própria Aliança Cooperativa Internacional (AIC), no congresso realizado em 1995, apontou para a necessidade de profissionaliza o, admitiu o recebimento de juros sobre o capital integrado e recomendou a cria o e o estabelecimento de parcerias (MEDEIROS; BELIK apud SERRA, 2003, p. 133).

No Paraná, o período de crescimento das cooperativas acompanhou o cenário nacional e as cooperativas agrícolas, em especial, começaram a surgir a partir da década de 1940; mas   a partir de 1970, acompanhando o dinamismo econ mico do período, que as cooperativas começaram a se expandir e a se tornar estruturas fundamentais inseridas na realidade econ mica da região. As cooperativas passaram a desempenhar um papel fomentador do desenvolvimento econ mico pela media o e articula o que exerceram entre os diferentes agentes econ micos, sendo braços importantes para a integra o do setor produtivo ao mercado. A sua importância crescente no segmento agropecuário paranaense pode ser aferida pelos estimados 55% de participa o do PIB agrícola do Estado (SESCOOP/PR, 2005). Contribuíram para a constru o de laços de coopera o e solidariedade, que são os pressupostos básicos que justificam a sua cria o, mas que representam, sobretudo, a constru o de referências de convergência de interesse dos sujeitos sociais e das organiza es sociais e produtivas, o que configuram um certo poder local.

O impacto da organiza o e da atua o das cooperativas na economia do Paraná e, em especial da região Oeste, trouxe reflexos que se projetaram sobre o perfil do desenvolvimento, contribuindo para a mudança dos indicadores econ micos pela gera o de empregos, de postos de trabalho, de gera o e circula o de renda e pela diversifica o de iniciativas empresariais.

escoar um tipo específico de produ o ou para adquirir implementos, surgem, também, práticas econ micas que seguem as regras ou os interesses do mercado, abrindo filiais ou entrando em fun es que não as que motivaram a sua origem, sem que os associados compreendam, em muitos casos, o alcance destas práticas. Assim, a dinâmica do crescimento econ mico de uma cooperativa relaciona-se com o perfil do seu gerenciamento e do seu ajuste às forças impulsionadoras do crescimento econ mico. No oeste do Paraná as cooperativas estiveram em sintonia com as políticas de moderniza o do período, que viam a necessidade de especializa o da produ o como condi o para consolidar o modelo agro-exportador.

O aceno   crise do cooperativismo aponta, *via de regra*, para uma crise de participa o. As cooperativas, ao contrário das empresas não cooperativas, possuem a dimensão social, que, como princípio, deve estar em sintonia com os fins econ micos; ou seja, quando não há identifica o dos associados com a própria cooperativa a crise   de participa o, podendo ocasionar problemas que abalam até mesmo toda a estrutura econ mica e a saúde da cooperativa em questão, uma vez que, não participando de modo efetivo da tomada de decisões e dos rumos da cooperativa, o cooperado delega suas responsabilidades e rompe com o princípio da lealdade e da confiança.

Quando o crescimento acelerado de uma organiza o cooperativa se d  por fatores exógenos, como o motivado pelas políticas de moderniza o e pela inser o da agricultura brasileira no mercado mundial, há o risco eminente de um distanciamento entre o quadro de cooperados e o corpo diretivo, visto que este passou a mediar, em muitos casos, os interesses de grupos monopolistas e a se movimentar numa esfera simbólica distinta da dos produtores associados. Os interesses puramente econ micos e empresariais atropelam, em muitas situa es, os interesses do quadro associativo. Quando isso ocorre de maneira muito nítida, os cooperados são afastados ou se retiram das engrenagens da administra o e *"a cooperativa torna-se uma nova autoridade gestionária dos bens comuns (...), um novo intermediário para o acesso ao mercado (...). Ela pode até ser percebida como um novo padrão"* (SABORIN, apud SERRA, 2003, p.137). Diante disso, a cooperativa figura para os agricultores unicamente como intermediadora entre plantio e comercializa o, limitando a sua importância apenas *"nas chances de obten o de maiores lucros que as cooperativas possibilitam aos produtores rurais, seja no momento da coloca o dos produtos da agricultura no mercado, seja na compra de bens ou, ainda, na presta o de serviços"* (SERRA, 2001, p. 125).

As cooperativas da região, inseridas no modelo de desenvolvimento da agricultura nacional e mediadoras do crédito agrícola, atuaram como transformadoras do espaço físico rural, na medida que facilitaram a entrada de

A experiência inicial foi desencadeada com a participa o de 16 produtores rurais, que, de imediato, entenderam que havia a necessidade de se organizarem em torno de uma associa o, para, assim, possibilitar o fortalecimento dos vínculos, o ordenamento da produ o e do mercado e a certifica o dos produtos. Diante da necessidade de formaliza o da organiza o, foram reunidos 33 sócios fundadores, dentre produtores e colaboradores, que passaram a constituir o quadro social da Associa o dos Produtores Orgânicos de Palotina. Estes associados definiram um estatuto para a associa o e elegeram sua primeira diretoria.

Segundo informa o disponibilizada diretoria da APOP, o projeto beneficia atualmente em torno de 2.500 pessoas no município de Palotina, entre os integrantes das unidades familiares de produ o, trabalhadores temporários, transportadores, mercados, restaurantes e consumidores da região. Em torno de 30 produtores, com seus familiares, dedicam-se com envolvimento direto nas atividades de produ o e comercializa o de produtos orgânicos.

Para aproximar uma compreensão mais precisa do universo de pequenos e médios agricultores que participam, de forma direta, de uma organiza o cooperativa e praticam a produ o orgânica, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com agricultores sócios fundadores da APOP e que estão em fase final de certifica o. Esses agricultores fazem, ou fizeram em algum momento, parte de outras formas de associativismo. Para o objetivo proposto para o presente estudo, interessou, sobretudo, saber os níveis de inser o destes produtores na Cooperativa Agrícola Vale do Piquiri – antiga COOPERVALE, hoje denominada C-Vale -, para buscar entender as razões da organiza o de uma associa o para promover a valoriza o da produ o e a defesa dos interesses econ micos dos associados paralelo   organiza o cooperativa, uma vez que esta   uma prerrogativa inerente às fun es da própria cooperativa.

As entrevistas e os instrumentos de diagnóstico revelam que a associa o buscou reconstruir referenciais, redimensionar velhas práticas e saberes tecnológicos que recuperaram a auto-estima dos associados, possibilitando-lhes um espaço próprio e singular no universo da produ o. A Cooperativa, pelo seu envolvimento no processo da moderniza o agrícola foi se distanciando destas práticas e destes saberes, promovendo, assim, uma massiva despersonaliza o dos associados diante dos pacotes tecnológicos e das demandas do mercado. As falas dos integrantes da APOP refletem a importância que eles atribuem ao saber fazer herdado da tradi o e a consciência crítica que construíram a partir destes processos massificantes. Revelam um certo constrangimento e uma indigna o em rela o às práticas e às tecnologias desenvolvidas no processo de moderniza o agrícola da região. Referem-se às conseq ncias nefastas herdadas e expressam textualmente:

uma forma de buscar o equil rio para as tomadas de decisão: "... as reuniões (da APOP) são idéias que não vem de cima pra baixo n , vem de baixo pra cima, e o produtor pode colocar assim sua idéia, suas dificuldades...". (PATEL, Antoninho, entrevista em 05/11/2003). Essa maneira de colocar as necessidades, de ser ouvido e não apenas ouvir as delibera es tomadas e não discutidas com o todo, revela, a partir dos agricultores entrevistados, a chave do bom funcionamento da associa o e a diferença em rela o a organiza o cooperativa como um todo, que não propicia este espaço de partilha e aprendizado. Neste sentido, depoimentos como o que segue são significativos:

(...) Eu vou lá e assino e vou embora porque l  as idéias vêm de cima pra baixo... Ao meu ver   o sistema capitalista que pega duas ou três pessoas l  e vão convencer todo o mundo (...) Não   que nem a associa o (APOP)... Hoje cada um d  sua idéia, fala de sua dificuldade pra ajudar o outro... Por isso que eu sa  da C-Vale (PATEL, 05/11/2003).

As pequenas associa es, a exemplo da Associa o de Produtores Orgânicos de Palotina, permitem aos agricultores um espaço para o exercício da solidariedade, para a identifica o de interesses e para a organiza o da coopera o, embora a sua sobrevivência esteja relacionada a sua inser o numa rede de coopera o, capaz de marcar presença ativa e viva no grande organismo da economia globalizada.

5. CONSIDERA ES FINAIS.

As cooperativas, entendidas como associa es de indivíduos que buscam de forma solidária a obten o de resultados econ micos que permitam a melhoria do nível de vida de cada um e de todos, exerceram papel importante no sistema de assentamento, na estrutura o da produ o e na organiza o de redes de capta o, de transforma o e de comercializa o dos produtos agropecuários do oeste do Paraná. A sua presença permite identificar uma organiza o social e produtiva num território que se tornou expressão de um conjunto de rela es sociais materializadas nos resultados da coopera o e que, a partir destas rela es, criou espaço para a defini o de competências e estratégias para o seu desenvolvimento. Tem um sistema produtivo organizado que sugere a possibilidade da apreensão de um elemento identificador do perfil do desenvolvimento regional. A produ o social do espaço agrícola do oeste do Paraná   a expressão da rela o do homem com o seu meio, materializada através das práticas culturais trazidas pelos movimentos migratórios e recriadas a partir das ondas modernizantes, dos pacotes tecnológicos, dos apelos do mercado e do constante processo de universaliza o da cultura. A região oeste de Paraná, enquanto aproxima o de lugares ou mundos

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Uma extensão para a agricultura Familiar – *Anais*. Brasília: PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), 1997, 222. p.
- ALENCAR, E; MOURA FILHO, J. A unidade de produção agrícola e administração rural. *Informe Agropecuário*. Belo Horizonte, vol. 14, nº 157, 1988.
- BATISTI, Elir. *Agricultura familiar e cidadania: os embates da ASSESSOAR*. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação – História. UFF-UNIOESTE, 2003.
- BRANDENBURG, Alfio. *Agricultura familiar, ONG's e desenvolvimento sustentável*. 1 ed, Curitiba: UFPR, 1998.
- BRUM, Argemiro. *Desenvolvimento econômico brasileiro*. 19 ed, Ijuí, RS: Vozes/UNIJUÍ, 1998.
- COLOGNESE, Silvio; SCHALLENBERGER, Erneldo; GREGORY, Valdir. *Tupãssi: do mito à história*. Cascavel: EDUNIOESTE, 1999.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local – novos ensaios de antropologia interpretativa*. 3ed, Petrópolis: Vozes, 2000.
- GRAZIANO, José da Silva. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. 2ed, Campinas: UNICAMP, IE, 1998.
- GREGORY, Valdir. Colonizações, migrações e colônias. In: *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.
- KAGEYAMA, Ângela; GRAZIANO, José da Silva. Do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: GRAZIANO, José da Silva. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. 2 ed. Campinas: UNICAMP, IE, 1998.
- PRESTES LIMA, A. *Administração da unidade familiar de produção: modalidades do trabalho com a agricultura*. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.
- SCHALLENBERGER, Erneldo. *O associativismo cristão no sul do Brasil: a contribuição da Sociedade União Rural e da Liga das Uniões Coloniais no processo de organização social e do desenvolvimento sul-brasileiro*. Porto Alegre: (Tese de Doutorado) PUCRS, 2002.
- SERRA, Elpídio. A teoria e a prática cooperativista entre os produtores rurais. In: VILLALOBOS, José Guerra. *Geografia social e agricultura no Paraná*. Programa de Pós-Graduação de Geografia, Maringá: UEM, 2003.
- SESCOP – PR. *Informe estatístico 2005*.
- SOUZA, José Gilberto de; PEREIRA FILHO, Augusto. *As transformações na agricultura brasileira e seus impactos sobre o trabalho rural*. Texto elaborado para o Curso de Gestão de Segurança e Saúde na Área Rural. Coordenação de Normatização – Ministério do Trabalho e Emprego – Brasília, DF, 2001.
- WAUTIER, Anne Marie. *A construção identitária e o trabalho nas orgs associativas*. Ijuí, RS, UNIJUÍ, Trad. Sérgio Miol. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.